



A socioafetividade

na perspectiva intercultural em uma
escola municipal de Manaus

Alexandrina Oliveira Rebelo

Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva

Ana Michelle de Carvalho Martins

A socioafetividade na perspectiva intercultural em uma escola municipal de Manaus

Alexandrina Oliveira Rebelo⁸³

Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva⁸⁴

Ana Michelle de Carvalho Martins⁸⁵

RESUMO

Nas escolas periféricas de Manaus diariamente encontramos salas múltiplas, interculturais e heterogêneas. Entretanto, no que diz respeito à educação escolar, é notório perceber a importância da formação continuada para os professores atenderem às demandas de salas tão diversas. É nesse cosmos de sentimentos que esse trabalho tem como objetivo relatar as vivências de uma sala multicultural - 1ºAno B do turno matutino, da Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, tendo como base o Projeto Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), desenvolvido no ano de

83 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: aor.ped20@uea.edu.br

84 Professora Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora pedagógica do PAD; Formadora da Divisão do Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: helpsotero@hotmail.com

85 Professora Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

2022. Posto isso, compreendemos que desenvolver laços afetivos com as crianças e promover a interculturalidade, evidenciam cenas da vida e viram histórias para quem gosta de ensinar. Outrora, em conjunto com a socioafetividade, a presente obra irá também conversar com a educação intercultural, característica marcante da turma articulada no relato e contará com contribuições de Hanna (2015), Candau (2016) e Alves (2012).

Palavras-chave: Interculturalidade; Socioafetividade; Emoções.

ABSTRACT

In the peripheral schools of Manaus, we find daily multiple, intercultural and heterogeneous classrooms. However, with regard to school education, it is notorious to realize the importance of continuing education for teachers to meet the demands of such diverse classrooms. It is in this cosmos of feelings that this work aims to report the experiences of a multicultural classroom - 1st Grade B of the morning shift, at the Municipal School Lígia Mesquita Fialho, based on the Teaching Assistance Project (PAD) of the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education (LEPETE), from the University of the State of Amazonas (UEA), developed in the year 2022. That said, we understand that developing affective bonds with children and promoting interculturality, show scenes of life and become stories for those who like to teach. Once, together with socio-affectivity, this work will also talk about intercultural education, a striking feature of the class articulated in the report and will feature contributions from Hanna (2015), Candau (2016) and Alves (2012).

Keywords: Interculturality; Socioaffectivity; Emotions.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As emoções fazem parte da nossa vida desde o momento em que nascemos. O choro de sofrimento do bebê ao nascer, desperta na mãe um sentimento de pertencimento, um sentimento que faz você dizer “Agora sim, eu sou mãe” e com toda essa certeza a mãe aquece o bebê nos braços lhe dando todo o seu amor, mesmo num momento em que ambos se encontram frágeis fisicamente, mas muito fortes emocionalmente, interligados por um momento único, não importando a língua, a classe, a cor, o gênero, a raça, mãe e bebê se entrelaçam como se fossem um só.

Toda essa experiência de catarse, que é ver o nascimento de alguém, me faz perceber que as boas emoções divididas durante a vida, podem ser marcantes e determinantes para a vida humana. É com esse objetivo que escrevo sobre as boas relações em sala de aula e em como estabelecer vínculos duradouros com as crianças potencializa a socioafetividade e a interação, um dos pilares do desenvolvimento do ser humano de maneira integral.

A socioafetividade dentro do contexto escolar é parte importante da motivação, autoestima e contribui significativamente no desenvolvimento cognitivo das crianças. Dentro das escolas periféricas de Manaus, encontramos crianças de todos os contextos: umas com a família completa, outras com famílias rompidas, algumas com histórias de travessias de lugares e costumes e muitas das vezes crianças tristes, com raiva de histórias que não querem contar. Na Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, palco dessa obra, irei contextualizar a relação socioafetiva professora e crianças da turma do 1º ano B do turno matutino, que no decorrer do ano de 2022 dividiu comigo e com outros Assistentes Docentes (AD) experiências e relatos sobre essa sala

pequena e escondida no bairro do Coroadó, mas tão rica culturalmente com crianças brasileiras e venezuelanas.

O objetivo deste relato é ampliar a aplicação da socioafetividade como prática docente e pedagógica e à luz da teoria da socioafetividade de Wallon, explicar como a constituição do sujeito interfere na sua formação e construção, passos esses essenciais para a vida humana que se iniciam na infância, perpassam nossas vidas e contam nossas histórias.

Este relato é fruto do trabalho desenvolvido pela UEA, realizado por meio do LEPETE a partir do PAD, realizado no Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, integrado ao Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS), da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM) e Secretaria Municipal de Educação Manaus (SEMED).

Na primeira seção, relato minha chegada até a Universidade e como minha infância foi determinante para a escolha do curso de Licenciatura em Pedagogia, além do meu caminhar até o LEPETE e como isso foi pertinente para a minha formação enquanto discente. Já na segunda seção, descrevo a Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho que fica numa rua estreita, mas larga de emoções, envolta de pessoas (crianças e corpo pedagógico) que têm como pressuposto o cuidado fraterno da escola. Além do mais, descrevo também a turma do 1º ano B, turma atendida pelo Projeto OFS concomitantemente com o PAD e protagonista deste relato.

Quanto à terceira seção, exponho as práticas pedagógicas desenvolvidas no 1º ano B com a cantiga espanhola “El Barco Chiquitito”. Por fim, na última seção descrevo as formações continuadas essenciais para o meu professorar, ofertadas pelo LEPETE no PAD.

MEU CAMINHAR: DOS GIBIS ATÉ A UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Chamo-me Alexandrina Oliveira Rebelo, discente do sétimo período do curso de Licenciatura em Pedagogia do turno noturno e AD do PAD do LEPETE.

Meu caminhar para a Universidade aconteceu ainda na infância, quando muito pequena aos 3 anos de idade, aprendi a ler sozinha e ajudei a alfabetizar minha irmã mais velha e alguns vizinhos com o auxílio de uma lousa que meu pai confeccionou. Não imaginava que ao crescer passaria no vestibular para o curso de Pedagogia, mas sempre admirei minhas professoras e as diretoras das escolas públicas por onde estudei.

Minha família é de origem humilde, meu pai estudou até a 8^a série do antigo Ensino Fundamental e minha mãe até a 4^a série, já que muito pequenos tinham de trabalhar para ajudar no sustento das suas famílias e não puderam dar continuidade aos seus estudos. Apenas com o hábito da leitura que eles sempre tiveram, me incentivaram a ler, compraram gibis para possibilitar uma aprendizagem significativa na minha primeira infância, por mais que eles não soubessem o impacto que isso teria na minha vida quando eu crescesse.

Além disso, avivar no meu ser, a criança interessada pela vida escolar me fez ser uma criança que além da sala de aula, buscava outros meios de aprender pois sempre que eu era convidada, participava dos projetos das escolas, dentre eles o “Plugado no Saber⁸⁶” do ano de 2005, da gestão do prefeito Serafim Corrêa, onde as crianças do Ensino Fundamental que se destacaram foram premiadas com um computador para o auxílio nos estudos. Ganhar esse computador mudou a minha vida escolar, traçou meu caminhar até a Universidade,

86 Programa no âmbito da rede municipal de ensino, que consistia em premiar o aluno de maior nota de cada uma das cerca de 400 escolas municipais com um computador, assegurando-lhe um curso para ele e um parente (podia ser a mãe, um irmão, o pai, enfim um parente) no qual os dois aprenderiam a manusear o equipamento. Eram dois os objetivos: premiar o mérito e inserir progressivamente os alunos no mundo digital.

pois proporcionou para minha família qualidade de vida e projetou novos caminhos no nosso trilhar. Participei de outros projetos, na sexta série do ensino fundamental, fui convidada a fazer parte do jornal da escola em que prontamente aceitei e fiquei até o ano seguinte na redação do jornal e logo depois virei membro da rádio da escola. Todas as atividades extraclasse me interessavam, eu gostava de ser além de aluna, queria me sentir parte da escola que eu frequentava.

Meu pai virou servidor da SEMED como carpinteiro e sempre que ia às escolas admirava o trabalho das professoras e das diretoras que ele encontrava. Tenho certeza que ele seria um professor incrível se tivesse a oportunidade de estudar e não tivesse tido uma infância tão dura e difícil, onde foi obrigado a trabalhar num campo de arroz aos 10 anos de idade para continuar sobrevivendo. Mesmo com tantas lágrimas derramadas ao longo da vida e sem dúvida por não querer que eu passasse o mesmo, às vezes ele me dizia “Minha filha, por que você não vira professora? Elas trabalham pouco e ganham bem, nunca vi nenhuma andando a pé, elas sempre têm carro para ir trabalhar...” eu ouvia isso dele e respondia “Pai, acho que não é bem assim. Elas podem até ter carro para trabalhar, mas elas sempre levam trabalho para casa...”, ríamos juntos conversando essas coisas, mas jamais imaginei que um dia eu me tornaria discente do curso que ele mais admira.

No ano de 2011 até 2013, eu entrei para o Instituto Federal de Educação do Amazonas (IFAM) para cursar o Ensino Médio técnico no curso de Edificações pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), tudo porque eu queria ser como o meu pai, trabalhar nas obras, auxiliando os pedreiros e carpinteiros, desenhando projetos, enfim uma forma de eu me aproximar ainda mais do meu melhor amigo. No entanto, o que ele mais admirava estava a um palmo da minha frente, era toda a história da minha vida, o ensinar, o professorar era o que estava vivo em mim e eu não percebia. Quando me dei conta, aos 21 anos, em 2019 prestei o único vestibular da minha vida, o MACRO, e passei na primeira chamada para o curso de Licenciatura em Pedagogia na UEA. Eu nem acreditava

que isso estava acontecendo, depois de 6 anos sem estudar, voltei para a sala de aula para aprender a ensinar, fazer como adulta o que eu já fazia como criança.

Abri o resultado do vestibular no meu antigo trabalho no Distrito Industrial e dali em diante já sabia que a minha carreira científica iria começar e meus dias como ferramenta humana naquela fábrica estavam prestes a chegar ao fim. Quando eu falava para os meus colegas de trabalho o que tinha acontecido eles não acreditavam que eu seria capaz de deixar a fábrica para viver um sonho de criança, porque segundo eles, a vida aqui fora era muito difícil, o mundo fabril para eles era muito mais interessante. Eu não sentia nenhum interesse em fazer parte daquele lugar, onde eu entrava quando o sol estava dormindo e saía quando a lua despertava.

Aqui fora, a vida é muito mais feliz, muito mais viva e interessante. Tenho certeza que ouvir meu querido pai foi a melhor decisão que eu tomei, tanto que encontrei a UEA e dentro dessa Universidade descobri o LEPETE, meu lugar de afeto, carinho e cuidado. Minha chegada ao LEPETE em 2021 foi de suma importância para a minha formação, pois não sabia que em uma sala pequena do anexo da Universidade havia tantas possibilidades de aprender o ensinar. Encontrar esse espaço, foi para mim, descoberta científica, exploração de novos caminhos e acima de tudo, concentração de afeto e amor.

Tanto amor explodia nesse lugar que fui acolhida como aluna e como mãe. Ao descobrir que havia passado no vestibular, no mês seguinte descobri também que seria mãe de uma criança e não sabia que tanto me ajudaria na minha formação acadêmica, pois se tornou minha maior motivação na minha formação. Quando ela tinha 10 meses, fiz uma entrevista com a Professora Formadora Jediã Ferreira Lima para fazer parte da equipe de Coordenação do PAD e, logo evidenciei que tinha uma filha pequena e a professora em nenhum momento me reduziu à maternidade, como outros espaços já haviam feito comigo quando busquei estágio.

Dito isso, me senti segura para fazer parte do LEPETE, pois sabia que encontraria ajuda quando precisasse e muitas vezes isso

aconteceu, principalmente quando me sentia frustrada e culpada por deixar a minha filha com outras pessoas para trilhar minha jornada acadêmica. Mas, como diz Chimamanda Ngozi Adichie, uma renomada escritora nigeriana e ativista dos direitos das mulheres no seu livro “Para educar crianças feministas”:

Seja uma pessoa completa. A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas pela maternidade. Seja uma pessoa completa. Vai ser bom para sua filha. Marlene Sanders, a pioneira jornalista americana, a primeira mulher a ser correspondente na Guerra do Vietnã (e ela mesma mãe de um menino), uma vez deu este conselho a uma jornalista mais jovem: “Nunca se desculpe por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que você dá à sua filha” (ADICHIE, 2017, p. 8).

Na mesma direção, parafraseando Adichie (2017), ler isso é de tamanha sabedoria e satisfação, pois gostar do que faz e do que o seu emprego faz por você, nos dá confiança e um sentimento de realização, que acompanha o ato de fazer e receber por isso. Lembrese, maternidade e trabalho não são mutuamente excludentes.

A partir dessas reflexões, pude compreender minha importância nas escolas como uma mulher da educação, como parte de um time enorme de pedagogas em formação e peça importante do cotidiano das crianças das escolas atendidas pelo PAD. Ser parte do LEPETE é como fazer parte de uma árvore frondosa à beira de um riacho, sempre alimentada pelas águas da interdisciplinaridade, da diversidade, do fazer docente. Dessa árvore, sou folha viva, que se balança com o vento das dificuldades da vida, mas se mantém verdinha e viçosa, firme e segura na árvore que não a deixa cair, que resiste às tempestades e se renova a cada estação.

Dessa árvore, colho ainda muitos frutos pois carrego na minha memória momentos que somente o laboratório me proporcionou: conhecer uma escola indígena, escola rodoviária, escola ribeirinha, reconhecer as escolas urbanas, ver professoras felizes e professoras

tristes com suas rotinas monótonas, mas hoje radiantes e ansiosas para cada chegada dos assistentes às suas salas.

Sempre reverbero em sala aos meus colegas discentes, meu orgulho em ser parte do LEPETE, um ambiente de acolhimento, que desperta em todos que chegam o anseio da mudança, do fazer diferente, de um novo olhar e de um fazer político além do fazer educacional, pois educação é também política, é conjunto de ideias.

Em resumo, chegar aqui como folha da árvore do LEPETE é recompensador para mim e para a minha família, meus pais sentem orgulho do que me tornei e eu também tenho orgulho da minha evolução e da professora que me torno a cada dia. Tudo isso se deve à força de mudança que edifiquei ao ser parte do laboratório, meu lugar de amor, acolhimento e resistência.

EM UMA RUA ESTREITA, VIVE UMA ESCOLA LARGA DE EMOÇÕES

A Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, localiza-se na Rua Átila Pedraça, nº 17, no Bairro Coroado, na cidade de Manaus, numa rua estreita em um prédio alugado; logo, não era uma escola, foi adaptada para tal. Ao entrar por um portão azul, logo se vê o refeitório que não é coberto e as crianças merendam ali mesmo, em dias quentes na companhia do seu amigo sol, em dias chuvosos, não podem usar o refeitório. Do lado direito do refeitório, tem uma cozinha pequena com merendeiras dedicadas que sempre buscam servir uma alimentação deliciosa para as crianças, a qual por vezes tive a oportunidade de experimentar, pois durante a pesquisa, sempre merendava junto às crianças na mesa e aproveitávamos para conversar sobre coisas fora do contexto escolar.

Figura 1: O refeitório



Fonte: Acervo pessoal (2022)

No início do ano no 1º ano B do turno matutino, turma a qual fui designada para a assistência, percebi que havia três crianças imigrantes na sala. Em um dado momento na hora da merenda, foi servido pirarucu guisado com arroz e farofa, comecei a conversar com uma delas e disse: “Como se fala peixe no seu país?” e uma outra aluna respondeu “É pescado professora!” e surpresa, eu respondi, como você sabe que é pescado?” e ela respondeu com uma colherada de merenda na boca “Porque eu sou venezuelana também professora”; nesse momento, senti como se eu ainda não conhecesse integralmente a sala que eu já estava o ano inteiro, fiquei me perguntando “Como eu não percebi isso antes?”. E essa menina, uma aluna muito dedicada e que obviamente não tinha nenhum sotaque, me surpreendeu naquele dia no refeitório o que me levou a perceber quão rica era aquele 1º ano B, com seus contextos, histórias e narrativas.

Figura 2: O pescado



Fonte: Acervo pessoal (2022)

O cenário dessas falas demonstra as dificuldades de reconhecer os limites da interculturalidade como algo que não tem “fixidez”.

E, para tal, somos chamados a desconstruir aspectos da dinâmica escolar naturalizados que nos impedem de reconhecer positivamente as diferenças culturais e, ao mesmo tempo, promover processos que potencializem essa perspectiva (CANDA, 2016, p. 809).

Ao conversar mais um pouco com a criança, ela me contou que para chegar aqui no Brasil, lembra de ter entrado em um caminhão com a sua família e depois teve que andar por muito tempo. No rosto daquela criança não havia expressões de tristeza ou sofrimento, mas expressões de aventura como se estivesse contando uma história para me impressionar. Conhecê-la mais a fundo me fez pensar de que maneira, eu, enquanto assistente à docência, poderia contribuir para o acolhimento daquela aluna que chegou aqui recentemente, mas já fala muito bem a língua portuguesa e demonstrava claros sinais de que queria aprender, gostava muito de estar em sala de aula. Partindo disso, pensei também na maneira de como essas crianças brasileiras falantes da língua portuguesa na escola, podem ter papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem das crianças imigrantes.

Das três crianças venezuelanas, duas eram meninas e um menino. Este último tinha um sotaque muito rico, mas que conhecia muitas palavras em português, gostava de conversar, me ensinou várias palavras em espanhol em nossas conversas, dizia que sentia muita falta da sua irmãzinha que ainda estava na Venezuela.

Todas as vezes que havia na programação do LEPETE para ir até essa escola, eu sempre lembrava com carinho desses alunos e ficava muito ansiosa para reencontrá-los, desenvolver as atividades em sala e conversar na hora da merenda. Dos muitos encontros com a assistência à docência, naquela sala de aula, com as constantes conversas com as crianças, aos poucos conheci suas histórias de vida. Assim, constatei que algumas crianças venezuelanas vivem em situação de vulnerabilidade social e moram em abrigos, que servem o café da manhã às 8h, então as mesmas chegam até a escola no horário de 7h, muitas das vezes com fome, o que atrapalha o seu rendimento escolar e o controle das habilidades emocionais, pois a primeira refeição é servida às 8h30.

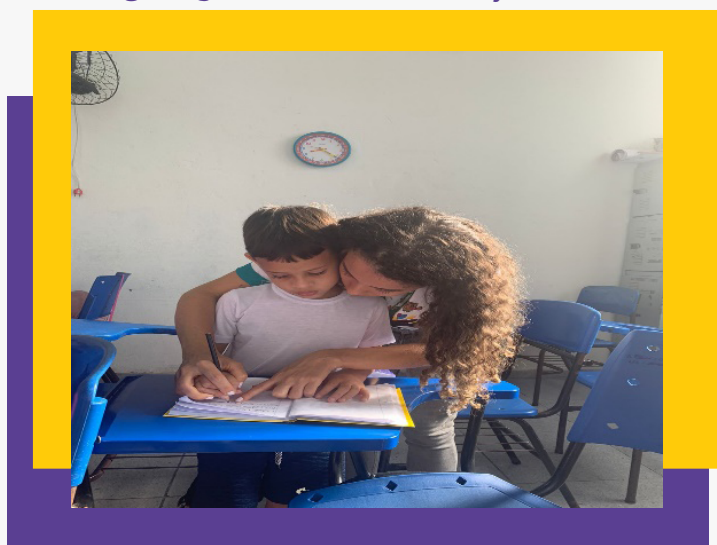
Cabe aqui destacar que o sistema educacional deveria olhar com afetividade para compreender a complexidade social em que essas crianças e suas famílias vivem, por conta da condição de imigrantes. Neste sentido, pensar uma alternativa de contemplar as necessidades específicas tanto relacionadas à alimentação quanto ao deslocamento até a escola. E, assim assegurar o que preconiza a Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases para a Educação (BRASIL, 1996, p. 1), a educação tem como principal pressuposto, no seu Artigo 3º “a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola de todas as crianças e a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

Na mesma direção, a escola também proporciona proteção integral à criança, oferecendo alimentação de forma que nenhuma criança se sinta negligenciada. No Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), assegura, no artigo 7º o direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Desta forma, saliento que deve haver respeito entre sociedade, escola, crianças e adolescentes para que sejam assegurados todos os direitos preestabelecidos que favoreçam uma aprendizagem significativa entre todos, em especial às crianças imigrantes que, em sua grande maioria, reside nos abrigos com suas famílias.

Observando essas especificidades na hora da merenda, partimos agora para a sala de aula. A sala era estreita e com uma janela basculante que ficava no alto da parede, a lousa era de compensado e a mesa da professora era bem pequena. Percebi que as carteiras escolares eram altas para os pés das crianças, sem ergonomia, então, sempre que podíamos, sentávamos no chão para realizar as atividades, o que nos deixava do mesmo tamanho e mais próximos. Buscava sempre proporcionar aulas alegres e divertidas, pois se a sala (ambiente) pudesse falar, certamente não nos encontraria.

Figura 3: Auxiliando a criança em sala



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

Em sala, a conversa era a respeito da conservação da sala de aula e como ambiente de estudo, perguntei às crianças: “Como é na casa de vocês? Fica bagunçado?” Muitos responderam que não e alguns responderam “Fica professora”, com essa resposta pude perceber que mudar isso não era da minha alçada, era algo de dentro para fora,

mas que aos poucos poderíamos ajustar essas demandas em sala de aula com diálogo e conversas.

Me aproximar deles efetivamente naquele ambiente da sala de aula era meu maior intuito, visto que para algumas crianças ir até a escola, na maioria das vezes é o único momento de diversão no dia, onde se encontram os amigos, as brincadeiras, a alimentação e o cuidado do docente. Nessa sala, a professora regente era tão amada que eles se preocupavam e faziam perguntas sobre que horas ela iria voltar, se eu seria a nova professora deles, alguns choravam de saudade dela e ficavam muito felizes ao vê-la novamente quando terminava a aula da pós-graduação e retornavam antes das crianças serem liberadas para suas casas. Tudo isso, aos poucos, criou e fortaleceu vínculos em meu fazer na assistência à docência.

Figura 4: Corpo, movimento e as vogais



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

Todos nessa escola, as merendeiras, as professoras, a diretora e demais funcionários buscam tratar as crianças com zelo e cuidado. Como dito, a merenda era sempre muito bem preparada, os corredores da escola estavam sempre limpos, o refeitório era organizado e sempre que algum assistente precisava de algum material a secretaria nos auxiliava.

Alcançar as crianças, ao contrário do que muitos pensam, faz parte da valorização delas como seres humanos em construção. Segundo Bastos (2003), a afetividade e a inteligência são estudadas conjuntamente, e mesmo quando existe domínio de uma, a outra não deixa de estar presente. Para mim e para a professora titular, era de suma importância estarmos com eles e conhecermos seus contextos para entendermos suas necessidades e ampliar seus anseios.

HAVIA UMA VEZ: BARCOS DE CULTURA E AFETO

Percebendo ao longo do ano de 2022 tudo que acontecia no 1º ano B, decidi planejar uma aula diferente que contemplasse todos os alunos de maneira intercultural, já que a sala era composta por alunos de diferentes culturas e condições socioemocionais. Nesse sentido, Candau diz:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos - individuais e coletivos -, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça - social, econômica, cognitiva e cultural - assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAU, 2016, p. 808).

Assim, alguns alunos me abraçavam quando chegava na sala, outros choravam com saudade da professora titular e um deles percebia que estava com a expressão fechada, o que chamava a minha atenção. Em destaque, posso citar uma criança que de modo algum queria participar das atividades, se escondia entre as cadeiras e costumeiramente entrava em conflito com outras crianças. Além disso, geralmente não levava o material escolar básico, suas atividades eram realizadas num caderno de desenho distribuído pela Secretaria de Educação que a professora adaptava às atividades.

Certa vez, chamei-o para andar um pouco fora da sala para conversarmos. Questionei se estava bem, se estava acontecendo alguma coisa fora do ambiente escolar que ele queria me contar, mas não obtive resposta. Em nada me respondeu, permaneceu calado. Para Bastos (2003):

Wallon utiliza-se do termo *prestance* para explicar a reação da criança à presença do outro e como sua simples presença pode desencadear alterações de comportamento. A sensação de estar sendo observado produz não só mudanças de atitude, como também uma espécie de contágio que faz com que a criança passe a se observar. É como se precisasse adaptar-se à presença do outro, podendo manifestar-se afetivamente ou paralisando e inibindo sua ação (BASTOS, 2003, p. 49).

De fato, aquele não era o meu espaço, era espaço da professora titular e das crianças do 1º ano B. Quando outra pessoa chega e toma posse do lugar em uma escola com tantas situações, causa estranhamento e uma sensação de observação, no fundo compreendi a dor daquela criança. Voltamos para a sala e ele voltou a ficar sozinho. Penso que olhando para essa criança e para todo o ano de 2022 em que quase não conseguimos nos comunicar e, percebendo a maneira dele se expressar com as outras crianças, era jogando uma bola de papel e chamando atenção dos colegas, tentando estabelecer uma relação de poder com os outros, subentendi que fatores externos poderiam estar afetando-o, já que na sala de referência buscamos manter relações baseadas na persuasão, no diálogo e na democracia.

Em alguns momentos, as pessoas costumam condicionar as crianças de maneira sutil para que haja controle sobre os seus comportamentos. Essa maneira de agir, tira das crianças a capacidade de “questionamento, crítica, espontaneidade, aumentando a docilidade e ganhando o controle sobre as ações cotidianas e modo de pensar e conhecer e cria desta forma, pessoas autoritárias e individualistas” (HANNA, 2015, p. 55).

Portanto, quebrar as correntes do ambiente escolar autoritário foi o que eu juntamente com a professora regente, buscamos desenvolver durante o ano letivo. Pensando nisso, planejei o que denominei de “Aula Feliz”, que consistia em uma aula com uma alimentação diferenciada para encerrarmos o ano letivo, mas em uma formação proporcionada pelo LEPETE que acontece às segundas-feiras, tive a rica contribuição da Prof^a. Msc. Marlene Gomes Ribeiro. A professora, no dia 10 de outubro de 2022, realizou a formação em torno da língua espanhola, cujo tema era “Comunicação intercultural mediada por cantigas infantis em Língua Espanhola em sala de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” e também, sobre a utilização da música infantil “El Barco Chiquitito” como estratégia para promover a interação entre todas as crianças. No momento da formação senti, que na Escola Ligia Fialho, o tema seria novo, mas também muito acolhedor pela vasta interculturalidade que ali vivenciávamos.

Com esses pressupostos em mente, elaborei um rascunho de plano de aula a partir da referida formação, que consistia em dialogarmos sobre as diferenças do 1º ano B, conhecermos as histórias de vida dos nossos amigos imigrantes, ouvir e entender a música “El Barco Chiquitito”, conhecer as noções do teatro e das artes cênicas, confeccionar barquinhos de dobradura de papel, realizar um teatro com varas e por fim, fazermos uma refeição diferente já que o intuito da aula, além da interculturalidade era também a socioafetividade.

Confeccionei com a ajuda de uma amiga e professora, um teatro feito de caixa de papelão, papel E.V.A e tnt para que pudéssemos encenar a cantiga “El Barco Chiquitito” e levei pronto para a aula para familiarizar as crianças no ambiente do teatro. Nesse dia, fiquei sozinha na sala com as crianças; ao entrar, vislumbrei apenas 12 crianças e para a minha surpresa não havia nenhuma criança imigrante na sala, nenhuma delas foi para a aula naquele dia tão pensado e planejado. No começo fiquei triste, pois meus planos haviam sido frustrados, preparei a aula para além das crianças brasileiras, o foco era tocar o coração das crianças venezuelanas.

Mas depois, percebi que ao participar da formação, eu é quem fui tocada pela música, pois encontrei uma nova forma de me comunicar com as crianças imigrantes, então, aquelas 12 crianças ali presentes e falantes da língua portuguesa, iriam vivenciar um momento diferente em sala de aula, pois iriam conhecer uma cantiga infantil em um novo idioma, vivenciar um dia no teatro como artistas, confeccionando parte do espetáculo e participando do Coral que guiaria o teatro com varas.

Primeiramente, apreciamos o teatro construído previamente e o chamamos de Teatro Ligia Fialho, conversamos sobre quem compõe o teatro: atores, atrizes, bailarinos, músicos, cantores (as), figurinistas, assistentes de palco e suas respectivas funções. As crianças foram falando sobre o que achavam que era cada função e começaram a dizer o que gostariam de ser. Naquele dia, viramos cantores (as), artistas e cada um confeccionou seu próprio barquinho chiquitito, a partir da dinâmica da oficina de dobradura de papel, desenvolvida para eles, já que ninguém sabia fazer o barquinho de dobradura (nem mesmo eu lembrava como era efetivamente), recorri ao meu celular em sites de busca para relembrar como fazer uma dobradura de barquinho.

Figura 5: Dobradura do barquinho



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

Sobre a criança que não gostava de conversar e que naquele momento apresentava dificuldade em estabelecer vínculos, foi o

primeiro dia que consegui cativar sua atenção, pois foi quando ele se sentiu inteiramente imerso no aprender, quando nos empenhamos em fazer a dobradura do barquinho. Dobramos, dobramos, dobramos o papel e a parte mais importante estava próxima de chegar, a parte que uma simples folha de papel se transformava em peça importante do nosso espetáculo, a alegoria mais importante do nosso musical. O nascer do barquinho foi algo muito interessante, pois todos se empenharam em dobrar o papel para alcançarem o nascimento do barquinho e quando esse momento chegou, fizemos a contagem regressiva, o barquinho nasceu e todos se admiraram do trabalho que haviam construído.

Figura 6: O nascimento do barquinho



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Logo depois, imaginamos que a coxia⁸⁷ se abria para iniciarmos nosso espetáculo. Todas as crianças da sala disseram que nunca haviam

87 A coxia (também chamada de bastidores) é o lugar situado dentro da caixa teatral - mas fora de cena - no palco italiano, em que o elenco aguarda sua deixa para entrar em cena em uma peça teatral. Trata-se de uma armação móvel de cenário, feita de madeira e pano, montada nas partes laterais do palco, para delimitar, em conjunto com as bambolinas, o espaço cênico.

entrado em um teatro, algumas sabiam o que era, outras não. Poucas conheciam o Teatro Amazonas e sabiam onde ficava, mas a grande maioria não. Para as crianças, o novo é sempre o mais interessante, o mais feliz, como dito por Alves (2012) tudo é motivo de assombro e espanto, seus olhos são dotados de encanto. Entrar naquele novo Universo, as fez pensar que eram de fato as principais personagens do espetáculo que estávamos organizando. Ao terminarmos a confecção dos barquinhos para o nosso teatro com varas (usamos palitos de picolé) ensaiamos algumas vezes a cantiga e todos cantaram empolgados a prévia do show que logo iria acontecer.

Após nosso ensaio, os artistas se dividiram em dois grupos para que todos conseguissem ficar atrás da coxia e se sentissem parte do espetáculo e pudesse haver plateia também, pois sem plateia não há show. O primeiro grupo ficou um pouco envergonhado, mas logo cantaram junto com todos os presentes no Teatro Ligia Fialho e ao terminarem suas apresentações foram aplaudidos por todos. O segundo grupo, mais entusiasmado, cantou e foi aplaudido com vigor.

Figura 7: Teatro com varas



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

Ao terminarmos as apresentações, sentamos juntos na roda novamente e conversamos sobre a importância daquele dia nas nossas vidas. Enfatizei para as crianças que elas, a partir daquele momento, iriam todos os anos conviver com crianças de outros países, falantes

de outras línguas, em especial o espanhol que é a língua materna dos países vizinhos da América do Sul. Perguntei a elas como poderiam contribuir para a felicidade das crianças imigrantes a partir daquela cantiga e obtive respostas como “Ah professora, a gente pode cantar com eles quando eles voltarem, vão ficar muito felizes”, outra resposta foi “Se eu me mudasse pra outro lugar e eu não tivesse ninguém pra brincar eu ficaria muito triste”.

Ao ouvir essas respostas, senti que tinha cumprido com o que havia planejado e pensado, pois propiciar esses momentos de reflexão quanto às diversas culturas existentes é uma das maneiras de promover uma educação emancipadora, multicultural, acolhedora e que respeite o lugar do outro. Para Hanna (2015), embora muito se discuta que as pessoas têm direitos iguais e deve haver respeito e tolerância de todos para todos, essa frase de senso comum não leva em consideração que os seres humanos são diferentes em suas experiências históricas, sociais, culturais e econômicas.

Nesta visão, “[...] não se pode fazer uma hierarquia com as culturas porque elas são equivalentes, de forma que uma cultura não é superior a outra, todas devem ser consideradas” (HANNA, 2015, p. 99), apreciadas e estimadas em sala de aula para que de fato o movimento da interculturalidade esteja presente e para que as crianças se reconheçam como integrantes de sua própria cultura.

Levar um pouco de humanidade e acolhimento à escola e àquela sala do 1º ano B era meu intuito, pois com tantas histórias naquela sala, quis encerrar o ano letivo de uma forma que lembrassem de mim com felicidade e que se sentissem capazes de mudar a própria escola acolhendo as próximas crianças imigrantes com quem fossem conviver no ano de 2023.

Para encerrarmos a aula, nos reunimos para um lanche; levei um bolo de ninho com morangos, suco e salgadinhos. Lembro muito bem da reação das crianças quando viram o bolo, se encantaram. Uma delas me disse “Professora, eu nunca comi morangos, vai ser a primeira vez” e logo após comer o bolo com morangos a mesma criança voltou e disse “É a melhor fruta do mundo, o melhor bolo que

eu já comi na minha vida”. Proporcionar esses pequenos momentos, foi para elas afetividade, construção de si, pois “quando a afetividade prepondera sobre a inteligência, a pessoa passa a se voltar mais para a edificação de seu eu, de sua personalidade, num movimento centrípeto” (BASTOS, 2003).

Figura 8: O bolo de morango



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Contudo, pensamos que as coisas aprendidas são as que constam em programas, projetos e planos, mas também as coisas mais importantes não são ensinadas em um plano, elas são ensinadas inconscientemente. E nesse dia, várias coisas inconscientes aconteceram: as crianças venezuelanas não foram à aula, a criança que estava desestimulada se interessou pela dobradura de papel, a outra nunca tinha comido morango na vida experienciando um novo sabor e todas as crianças juntas aprenderam que todos partilhamos de um mesmo mundo. Segundo Alves (2012), pequenos e grandes se aventuram, se ajudam, não há competição, há cooperação, no ritmo da vida: os saberes da vida, não seguem planos. Os saberes da vida seguem diálogo, compreensão, afeto e acolhimento, saberes esses que completam as outras competências do corpo infantil que quer brincar e acima de tudo, ser feliz.

APRENDENDO O ENSINAR

As práticas formativas do LEPETE são as raízes da árvore frondosa que é o Laboratório, pois são nesses momentos que nos fortalecemos enquanto equipe de assistentes e podemos trocar experiências, vivências, derramar nossas frustrações em sala de aula e acima de tudo, beber das águas do saber dos professores formadores.

As formações acontecem semanalmente, às segundas-feiras pela parte da manhã, às 9h, começando no mês de março e se encerrando no mês de novembro. Ao longo do ano, assistentes e coordenação conversam sobre seus anseios e demandas nas escolas para a programação de formações continuadas contemplarem as reais necessidades dos assistentes.

Uma das mais importantes formações, que serviu de pedra fundamental para as escritas dos relatos de experiências dos assistentes à docência, aconteceu com a Professora Dra. Jeiviane Justiniano, no dia 07 de novembro de 2022, que abordou o tema: “Elaboração de artigos científicos”, no qual deu prioridade e ênfase na pesquisa, nosso principal objetivo ao final do ano letivo. Nesta formação, aprendemos que para a qualidade dos textos técnico-científicos, são necessárias informações que possam ser publicadas, escritas formalmente com impessoalidade, objetividade e clareza. Além do mais, o escritor deve ser antes de qualquer coisa, leitor, pois na ciência nada se inventa, tudo se comprova.

Figura 9: Formação Artigo Científico



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

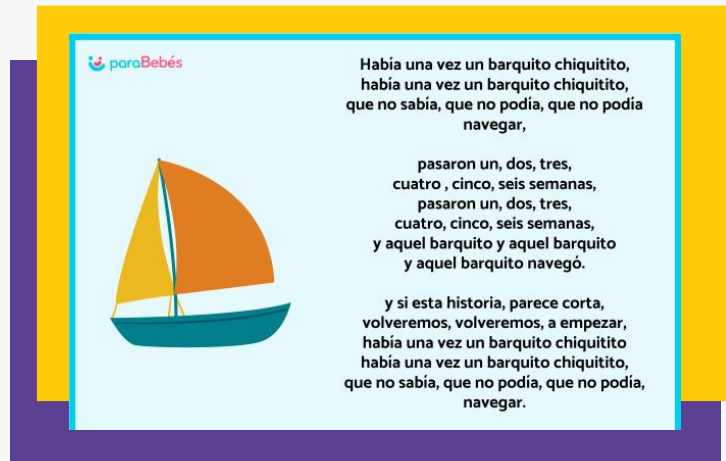
Partindo desse pressuposto, entendi que precisava alinhar minhas leituras com a pesquisa que eu gostaria de realizar no ano de 2022. Confesso que senti muitas dúvidas, pois me apaixonei pela escola ribeirinha e estava decidida a escrever sobre ela, mas para complementar minha renda e ajudar minha família, tive que trabalhar em dois horários, o que impossibilitou minhas idas até as escolas do Rio Negro.

Mas, ao conviver com as crianças da Escola Municipal Lígia Fialho, sentia meu coração encher de emoção cada vez que desdobrava alguma atividade no 1º ano B e decidi renovar meu arcabouço de conhecimentos com livros sobre educação intercultural, ler as crônicas de Rubem Alves e compreender a socioafetividade a partir do olhar dos teóricos para poder escrever sobre a vasta culturalidade que ali existia, não era uma sala de aula, era palco de saber e novas aprendizagens.

Para alcançar esse objetivo, destaco ainda, as formações da Professora Msc. Marlene Gomes, cujo tema foi: “Comunicação intercultural mediada por cantigas infantis em língua espanhola em sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental” que aconteceram em dois dias, no dia 12 de setembro e no dia 10 de outubro de 2022. Essas formações foram fundamentais para o meu fazer docente, pois nortearam meu relato de experiência e possibilitaram ideias de uma experiência intercultural para as crianças do 1º ano.

Nas formações em questão, em virtude da quantidade significativa de crianças imigrantes nas escolas do projeto, a Professora Marlene abordou algumas cantigas infantis na língua espanhola, nos ensinou a cantar e nos fez pensar atividades que contribuíssem para o ensino-aprendizagem das crianças. Na formação do dia 10 de outubro de 2022, a cantiga escolhida foi “El Barco Chiquitito”.

Figura 10: Letra da música infantil “El Barco Chiquitito”



Fonte: Página do Google⁸⁸

Das águas do conhecimento da professora, fez transbordar várias ideias nas cabeças dos assistentes, que foram divididos em grupos e pensaram em atividades tais como: barcos com os números e os dias da semana, oficina de desenho, teatro com varas, mar de palavras dentre outras ideias. A ideia do teatro com varas, partiu do meu grupo e eu logo quis que acontecesse, pois sabia que as crianças do 1º ano B iam amar fazer parte da construção do teatro, serem integrantes do espetáculo do musical “El Barco Chiquitito” em que cada um confeccionaria seu barquinho e conheceria uma nova forma de se comunicar com seus amigos imigrantes da sala.

Figura 11: Formação Cantigas Espanholas



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

88 Disponível em: <https://www.google.com/imgres?imgur>. Acesso em: 27 jun. 2023.

A Professora Marlene, marcada por sua doce voz e paciência de nos ensinar a cantar em um novo idioma, tocou meu coração quando cantou em espanhol, pois senti o quanto as crianças venezuelanas se sentiriam amadas e acolhidas ao produzirem conhecimento a partir de uma atividade na sua língua materna e da comunicação intercultural.

Aprender com música, segundo uma criança da Escola da Ponte citada no livro Rubem Alves “A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, “é poder pensar em silêncio” (ALVES, 2012). Nessa escola, as crianças têm direito de ouvir música enquanto aprendem, pois as ajuda a trabalhar em silêncio. Para o autor, os efeitos da música sobre a aprendizagem estão documentados e são conhecidos, além de promover uma maior quantidade de palavras escritas, pois aguçam a imaginação, possibilitam viagens a outros lugares que só a mente de uma criança pode acessar.

Depois desse dia, saí disposta a colocar em prática toda a água de conhecimento que eu havia bebido naquela manhã, para depois despejar em cada criança um pouco daquele saber tão rico que eu, como folha da árvore frondosa do LEPETE, iria levar até a escola.

Ao chegar na sala do 1º ano B para aplicar o plano de atuação docente, tive alguns entraves como caixa de som e multimídia para reprodução da música e do vídeo para as crianças, mas para ultrapassarmos essas barreiras impostas pelas condições das escolas periféricas de Manaus, fizemos uma roda e abraçados pela força de vontade de construirmos nosso Coral vimos o vídeo e ouvimos a música da tela do meu celular, uma tela pequena mas que ao final fez todas as crianças cantarem juntas a música que repetimos várias vezes até aprendermos.

Compreender as dificuldades do fazer docente e se reinventar em sala de aula é uma das facetas de ser professora da rede pública de educação, é necessário resiliência, paciência e abnegação para continuar sendo folha verdinha que não cai da árvore. Algumas vezes, fiquei cansada, frustrada, triste, me sentindo folha seca, sem vida por achar que não estava dando o meu melhor, mas ao receber o abraço de uma criança em sala ou um desenho que elas sempre gostam de

fazer, isso mudava completamente o meu dia, me sentir novamente parte da árvore, me revigorou.

Ao longo do ano, percebi minha evolução como professora e comecei a ficar sozinha em sala com as crianças que me aceitaram melhor ao longo do ano e cada vez que eu chegava no 1º ano B procurava tornar aquela sala estreita em um túnel divertido de emoções, brincadeiras e amizades. O que ficou no meu coração foram momentos de alegria, momentos de descoberta e alguns relatos de crianças tristes que se sentiam sozinhas, mas não queriam dizer o porquê. Por todas essas crianças (as tristes e as felizes) quis sempre dar o meu melhor, transformar as poucas 4h que passávamos juntas em construção de sabedoria, em troca de experiências, em conhecer a vida e os relatos da vida, pois é conhecendo a vida que se conhece o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exponencial número de crianças venezuelanas nas escolas da rede pública de Manaus, compreendo que a interculturalidade, o multiculturalismo e a afetividade devem andar juntas. Tantos desafios enquanto futuros docentes enfrentamos para desenvolver a educação intercultural, ainda mais presos em enquadros da educação tradicional, muito viva ainda nas escolas públicas.

Certamente, chegar na sala de aula e cativar as crianças e tratá-las com respeito e dignidade deve ser a premissa de um professor em formação, pois é com elas que passamos maior parte do nosso tempo, para elas planejamos o futuro e com elas partilhamos nossos anseios.

Além disso, é de suma importância valorizarmos a criança de maneira integral pois habilidades cognitivas e afetividade são complementares, se entrelaçam pelas redes do cuidado do docente e da escola. Para tal, é necessário levar em conta todas as especificidades que permeiam a vida das crianças, conhecê-las, não tratá-las apenas como números, mas como sujeitos de direitos.

Para formar professores afetivos, é necessário projetos como o PAD para cultivar na Universidade, o professor que valoriza a cultura, o diálogo e a socioafetividade. Como discente da UEA, penso que se todas as Universidades tivessem espaços como o LEPETE, onde se escutam as opiniões e aceita-se as diferenças, muitos professores seriam amigos das crianças a quem elas poderiam sempre que pudessem, recorrer sem receio, seja para tirar uma dúvida ou para contar um segredo. Assim se constroem lugares de amor, cenas da vida e histórias de quem gosta de ensinar.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 13. ed. Campinas: São Paulo. Papyrus, 2012.
- BASTOS, Alice Beatriz Izique. **A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan**. Petrópolis: Rio de Janeiro. Vozes, 2003.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano Escolar e Práticas Interculturais**. Caderno de Pesquisa. v. 46, n. 161, p. 802-8020 jul/set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143455> Acesso em: 15 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069compilado.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.
- HANNA, Paola Cristine Marchioro. **Educação Intercultural - Possibilidade de Superação das Violências nas Escolas**. Curitiba. Appris, 2015.